

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Efeito da história experimental na sensibilidade às contingências em
participantes flexíveis e inflexíveis

Ana Lídia Fonseca Zerbinatti

Texto apresentado para Exame de
Defesa de Mestrado no Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de São Carlos,
para obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Jesus
Dutra dos Reis

São Carlos
2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Z58e Zerbinatti, Ana Lúcia Fonseca
 Efeito da história experimental na sensibilidade às
contingências em participantes flexíveis e inflexíveis
/ Ana Lúcia Fonseca Zerbinatti. -- São Carlos :
UFSCar, 2016.
 50 p.

 Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2016.

 1. Comportamento governado por regras. 2.
Sensibilidade às contingências. 3. Inflexibilidade.
4. Escala de Rigidez. 5. Estudantes universitários.
I. Título.

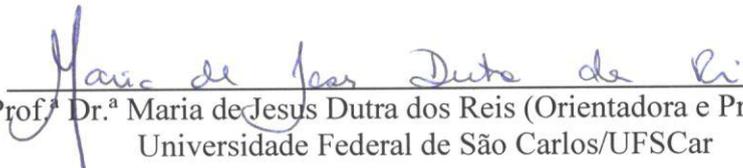


PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Lúcia Fonseca Zerbinatti

São Carlos, 07/04/2016


Prof.^a Dr.^a Maria de Jesus Dutra dos Reis (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar


Prof.^a Dr.^a Nilza Micheletto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC São Paulo

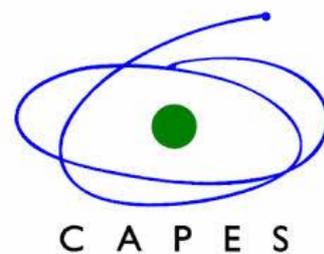

Prof.^a Dr.^a Camila Domeniconi
Universidade Federal de São Carlos /UFSCar

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 14h no dia 07/04/2016.

Comissão Julgadora:
Prof.^a Dr.^a Nilza Micheletto
Prof.^a Dr.^a Camila Domeniconi

Homologada pela CPG-PPGpsi na
_____ª Reunião no dia ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Joan Barham
Vice-Coordenadora do PPGpsi



Esta pesquisa teve financiamento da
Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Zerbinatti, A.L.F. (2016). *Efeito da história experimental na sensibilidade às contingências em participantes flexíveis e inflexíveis*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP. 59 páginas.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar se uma história prévia de aprendizagem por controle instrucional, anterior às condições experimentais, ou uma história de exposição a regras correspondentes ou discrepantes poderiam afetar diferencialmente a *sensibilidade às contingências*. Replicando estudos anteriores, os autores buscaram endereçar uma possível história prévia de controle por seguimento de regras, avaliando a presença de indicador de *flexibilidade* ou *inflexibilidade* no repertório. Para tanto, foram avaliados 212 estudantes universitários que responderam à *Escala de Rigidez* de Rehfisch; 114 foram implementados por mídia virtual e 98 presencialmente. Dos 23 participantes avaliados que atingiram critério de inclusão, 13 aceitaram participar do estudo, sendo (07) recrutados por aplicação presencial e seis (06) na condição *online*. Oito participantes eram do sexo masculino e cinco do feminino, com idade variando de 18 a 31 anos; nove obtiveram escores convencionados como *flexíveis* e 4 como *inflexíveis*. A condição experimental consistia na realização de tarefas programadas num procedimento de *escolha de acordo com o modelo (MTS)*, organizado em duas fases, através de software apropriado. Na Fase 1, os participantes foram divididos em duas condições de aprendizagem de seguimento de instruções: 1) instruções correspondentes às contingências em operação; e, 2) instruções discrepantes das mesmas. Dos participantes flexíveis, 5 foram expostos a treino de correspondência instrucional e 4 à discrepância; dois participantes inflexíveis foram designados para cada uma das condições de treino instrucional. Onze dos treze participantes alcançam os critérios de aprendizagem, exigidos na Fase 1, com 69 tentativas ou menos; os dois participantes que não atingiram os critérios estavam alocados do Grupo Flexível (P167 e P184), na condição de treino discrepante. Na Fase 2 foi programada uma única condição experimental, similar para todos os participantes, com a apresentação de 80 tentativas, divididas em 4 blocos de 20 tentativas cada. O primeiro e o terceiro foram programados de forma correspondente às instruções; no segundo e no quarto bloco, as contingências programadas eram discrepantes das instruções. Seis dos nove participantes flexíveis, apresentaram uma porcentagem de respostas igual ou maior que 70% de acertos, no primeiro bloco de tentativas discrepantes da Fase 2; dois dos três deste grupo com menor porcentagem de acertos tinham uma história de aprendizagem por instrução discrepante. Participantes do Grupo inflexível mostraram maior porcentagem de acertos, quando haviam sido submetidos a um treino de discrepância entre instrução e contingências. Discute-se como estes resultados replicam ou divergem da literatura na área.

PALAVRAS-CHAVE: comportamento governado por regras; sensibilidade às contingências; inflexibilidade; Escala de Rigidez; estudantes universitários

Zerbinatti, A.L.F. (2016). *Effect of experimental history in sensitivity to contingencies in both flexible and inflexible participants*. Master's Dissertation. Graduate Program in Psychology, Federal University of São Carlos, São Carlos, SP. 59 pp.

ABSTRACT

This study aimed to investigate whether a previous history of learning by instructional control, in both the previous story of the subject or immediately following an experimental condition, could differentially affect the *sensitivity to contingencies*. Replicating previous studies, the authors sought to address a possible history of control by following rules, assessing the presence of flexibility or inflexibility indicator's in their repertoire. Therefore, we evaluated 212 undergraduate students who responded to the *Rigidity Scale of Rehfish*; 114 were implemented by virtual media and 98 during individual meeting. Of the 23 participants assessed who met inclusion's criteria, 13 agreed to participate in the study, seven were recruited by personal application and six through online assessment. Eight participants were males and five females, aged 18-31; nine participants presented scores agreed as flexible and 4 others as inflexible. The experimental condition is the execution of tasks on a matching-to-sample schedule (MTS), arranged in two phases, through appropriate software. In Phase 1, the participants were divided into the training of two different instructional conditions: 1) instructions corresponding to the contingencies programmed; and 2) discrepant instructions. Considering the participants of the Group Flexible, 5 were exposed to instructional correspondence training and 4 the discrepancy; two inflexible participants were assigned to each instructional training conditions. Eleven of thirteen participants reach the learning criteria, required in Phase 1, during 69 or less trials; the two participants who did not meet the criteria were allocated in the Flexible Group (P167 and P184) and were submitted to the discrepant training. In Phase 2 was scheduled during a single experimental condition, similar to all participants, with the presentation of 80 trials, divided into 4 blocks of 20 each. The first and third blocks have been programmed accordingly to the instructions; the second and fourth block presented contingencies that were instructions' discrepant. Six of the nine flexible participants presented a percentage of responses equal to or greater than 70% accuracy, in the first block of discrepant trials, during the Phase 2; two of the three participants presented lower percentage of correct answers, had a history of learning by discrepant instructions. Participants of the inflexible Group showed higher percentage of correct answers, when they had been subjected to a discrepancy during in training. It was addressed how these results either replicate or present differences from the literature in the area.

Keywords: rule-governed behavior; contingency sensitivity; rigidity; Rigidity Scale; undergraduate students

Agradecimentos

À minha família, em especial aos meus pais Maria Clara e Sidney, ao meu irmão Arthur, aos meus padrastos Kleber e Mirian, aos meus avós Orney e Diná, às minhas tias Maria Ângela e Suely e aos meus primos, Raul e Luisa. Obrigada por todo acolhimento, por compartilharem experiências, enxugarem minhas lágrimas e por plantarem música, sonhos e sorrisos. Agradeço cada palavra sábia, por estarem sempre presentes e interessados, me acompanhando, incentivando e se orgulhando das minhas conquistas. Essa, hoje, também é de vocês.

À minha segunda família, aquela que escolhi e que cruzou o meu caminho nos mais diversos momentos, minhas amigas de longa data Ana Lu, Gabi e Marselle, e àquelas que nem o tempo, a distância ou as circunstâncias conseguem superar: Bia, Luma, Lidi, Nati, Nay, Thais, Lígia, Fran, Nê, Mari, Gabi e Flavia. Obrigada por darem cor, luz e forma aos meus dias. Agradeço também à minha pequena Bijou, o pedacinho mais puro de amor na Terra e minha companheira fiel.

Ao meu parceiro, amigo, namorado e conselheiro, Fernando. Obrigada pelo carinho, a poesia, a paciência, por todo o aprendizado e pelas conversas desde a mais descontraída às mais complexas e filosóficas.

À minha orientadora, prof^a. Dra. Maria de Jesus, por acreditar neste projeto e no desafio de me guiar nesta etapa tão importante da minha formação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, pelo apoio, estrutura, responsabilidade e competência na formação de profissionais da ciência, mestres e doutores.

À CAPES por fomentar e viabilizar este sonho de contribuir com o desenvolvimento da Ciência e da Pesquisa em nosso país.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
MÉTODO	10
<i>Participantes</i>	10
<i>Local/Situação/Equipamentos</i>	13
<i>Procedimento</i>	14
<i>Pré-treino</i>	17
<i>Treino</i>	18
RESULTADOS	20
FASE 1	21
FASE 2	24
DISCUSSÃO	27
REFERÊNCIAS	35
ANEXO 1 - Escala Rehfisch.....	39
ANEXO 2 - Modelo da Escala de Rehfisch aplicada online.....	41
ANEXO 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Versão Online).....	43
ANEXO 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Presencial – Etapa 1)....	45
ANEXO 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Presencial – Etapa 2)....	47
ANEXO 6 - Esclarecimento final e compromisso de sigilo.....	49

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização dos participantes da condição experimental.	13
Tabela 2 - Esquema das contingências programadas para as Fases 1 e 2.....	17
Tabela 3 - Escores obtidos na primeira e segunda aplicação do Inventário de Rehfisch, com sua interpretação para todos os participantes. As áreas sombreadas destacam diferenças acima de 10 pontos, inferior ou superior.....	21
Tabela 4 - Média da latência de resposta de escolha e número de acertos nas cinco e dez primeiras tentativas da Fase 1, para todos os participantes, nas diferentes condições.	24
Tabela 5 - Médias globais de acertos nos dois blocos discrepantes (D1+D2) para cada condição e classificação.....	27

Lista de Figuras

Figura 1 - Exemplos das disposições dos estímulos antecedendo a resposta de escolha de acordo com o modelo a cada tentativa.	16
Figura 2 - Respostas acumuladas de acertos durante a Fase 1.	22
Figura 3 - Porcentagem de acertos durante a Fase 1	23
Figura 4 - Frequência acumulada de respostas corretas (linha sólida) e incorretas (linha tracejada) durante a Fase 2, para todos participantes de cada condição experimental.	25

Ao teorizar sobre a solução de problemas como um comportamento funcionalmente relacionado às contingências de reforço, Skinner (1966, 1969) propõe uma distinção entre o responder modelado pelas consequências e aquele governado por regras. O primeiro deles diria respeito a classes de respostas que seriam selecionadas e mantidas por suas consequências diretas; o segundo seria relativo a comportamentos emitidos seguindo especificações de uma regra previamente apresentada, independente das consequências imediatas. Para o autor, regras seriam estímulos discriminativos que descreveriam a resposta, as condições sob as quais ela deve ser emitida e suas possíveis consequências.

Parte significativa do comportamento humano parece ser estabelecida ao manter contato com casos particulares de regras, tais como leis, normas, estatutos, orientações, avisos, instruções, protocolos, entre outros. Matos (2001) discute que regras podem ser particularmente úteis quando as contingências naturais são fracas ou operam a longo prazo (e.g. estabelecer comportamento de estudar); quando as contingências naturais produzem comportamentos indesejáveis (e.g. uso de álcool ou substâncias que podem provocar hábitos prejudiciais); ou quando podem anular ou compensar os efeitos aversivos de consequências naturais (e.g. campanhas de vacinação para prevenção de doenças). Desde os primeiros estudos na área, tem sido demonstrado que regras *correspondentes*, isto é, que descrevem com acurácia as contingências em vigor, podem facilitar a adaptação do comportamento às contingências em operação (Ayllon & Azrin, 1964; Baron, Kaufman, & Stauber, 1969; Hamilton, 1969; Hayes, Brownstein, Zettle, Rosenfarb, & Korn, 1986; Matthews, Shimoff, Catania, & Sagvolden, 1977; Shimoff, Matthews, & Catania, 1986). Entretanto, considerando as constantes mudanças no ambiente, algumas regras podem deixar de descrever acuradamente as contingências. Neste caso, responder sob o

controle destas regras *discrepantes* pode implicar em perda de reforçadores. Dessa forma, manter-se respondendo sob esta condição tem sido denominado *insensibilidade às contingências* e, por outro lado, o comportamento seria definido como *sensível às contingências* quando muda diante de alterações nas contingências de reforço (Madden, Chase, & Joyce, 1998; Skinner, 1969).

A investigação sistemática sobre a sensibilidade comportamental tem produzido conclusões variadas e diversos estudos têm buscado analisar as variáveis que podem influenciar no seguimento ou não de regras, através da manipulação da história de exposição a regras, dos tipos de consequências, dos esquemas de reforçamento, das propriedades das regras e das tarefas, da apresentação ou não de perguntas acerca da tarefa e até mesmo da história de reforço social do ouvinte (Albuquerque, Paracampo, Matsua, & Mescouto, 2013; Albuquerque, Silva & Paracampo, 2014; Paracampo & Albuquerque, 2005). Alguns estudos iniciais pareciam indicar, por exemplo, que o comportamento de seguir regras seria mantido somente se não entrasse em contato direto com a discrepância entre regra e contingência (Baron & Galizio, 1983; Galizio, 1979) ou quando as contingências de reforço fossem fracas (Matthews, Shimoff, Catania & Sagvolden, 1977; Galizio, 1979; Cerutti, 1989) e não fosse demonstrado controle pela contingência antes da exposição à regra (Torgrud & Holborn, 1990). Porém outros estudos mostraram evidências de que o desempenho sob controle de regras pode manter-se insensível, mesmo havendo contato com a discrepância ou quando as contingências de reforço que contradizem a regra são fortes, ou seja, mesmo quando é demonstrado controle por estas contingências antes do ouvinte ser exposto à regra (Albuquerque, de Souza, Matos, & Paracampo, 2003; Hayes, Brownstein, Zettle, Rosenfarb, & Korn, 1986; Shimoff, Catania, & Matthews, 1981). Além dessas variáveis, outros estudos parecem indicar que o comportamento de

seguir regras discrepantes pode ser mais provável de acontecer quando em condições de reforço intermitente (Newman, Buffington, & Hemmes, 1995; Oliveira & Albuquerque, 2007), quando há um controle social durante o experimento, isto é, a presença do experimentador (Albuquerque & Silva, 2006; Albuquerque et al., 2013) ou até mesmo quando da utilização de tarefas simples (Albuquerque et al., 2013).

No que diz respeito à história de exposição às regras alguns estudos têm buscado investigar se a história de aprendizagem por controle de regras ou pelas contingências poderia afetar diferencialmente a sensibilidade às contingências (Cortez & Reis, 2008; Perez, Reis & de Souza, 2010; Zerbinatti, Bondioli & Reis, submetido). Nestes estudos, procedimentos informatizados de escolha de acordo com o modelo foram utilizados, sendo manipuladas as diferentes condições de aprendizagem, seja por instrução mínima, correspondente ou discrepante. Na Fase 1 do estudo de Cortez e Reis (2008), três participantes passavam por um procedimento de aprendizagem com instruções mínimas (i.e. “descubra o que fazer para ganhar pontos”) – ou seja, aprendiam pela contingência – e outros três recebiam instruções completas e correspondentes às contingências programadas. Os participantes recebiam pontos que poderiam ser trocados por créditos em vale-alimentação ao escolher o estímulo-comparação correto, de acordo com um estímulo modelo e um contextual, apresentados na tela do computador. Na Fase 2, todos foram expostos à tarefa semelhante, porém dividida em quatro blocos de 20 tentativas cada, em que as contingências se alternavam sem sinalização, sendo correspondentes às regras apresentadas no primeiro e terceiro bloco e discrepantes no segundo e quarto bloco. Os resultados apontaram para a sensibilidade às alterações nas contingências, independentemente das condições prévias de aprendizagem.

Já o estudo de Perez, Reis, e de Souza (2010) diferia em relação à primeira fase do estudo anterior: os participantes que eram submetidos à condição de aprendizagem por controle instrucional foram divididos em um grupo de instruções correspondentes e outro de instruções discrepantes. Em estudo subsequente (Zerbinatti et al., submetido), um procedimento semelhante aos anteriores foi realizado com 30 estudantes universitários, dessa vez separando os grupos entre as três condições distintas de aprendizagem durante a Fase 1: um grupo contingência, um correspondente e outro discrepante. Em ambos os estudos foi verificada maior sensibilidade quando uma história de exposição às contingências de reforço foi implementada. Estes resultados corroboraram com trabalhos que apontam que o responder se torna mais sensível quando as instruções são minimizadas (Matthews et al., 1977; Galizio, 1979). Zerbinatti e colaboradores ainda discutem que, apesar da maior variação entre os desempenhos individuais, os participantes do grupo discrepante também se mostraram significativamente sensíveis às alterações nas contingências. Este dado vai ao encontro dos obtidos por Martinez & Ribes (1996) e Martinez & Tamayo (2005), de que participantes que passam por uma história de exposição a uma regra falsa se mostram mais sensíveis às contingências.

Além das variáveis relativas à exposição a diferentes histórias de aprendizagem experimental, alguns autores têm proposto que a insensibilidade às contingências poderia ser produto de uma história de consequências mediadas socialmente para o responder de acordo com regras (Catania, Shimoff, & Matthews, 1989; Cerutti, 1989; Hayes et al., 1986; Joyce & Chase, 1990); participantes humanos chegariam ao laboratório com longas histórias de reforço para responder de acordo com as regras e tal histórico poderia ser pouco afetado pelas consequências programadas em uma condição experimental breve. Outros autores sugerem, ainda, que diferenças

individuais também podem constituir um fator relevante para o seguimento ou não de regras discrepantes em situações experimentais, podendo contribuir para produzir indivíduos mais ou menos seguidores de regras que outros, isto é, mais ou menos *inflexíveis* (Paracampo, Souza, & Albuquerque, 2014; Pinto, Paracampo & Albuquerque, 2006; Wulfert, Greenway, Farkas, Hayes, & Dougher, 1994). Estes autores definem inflexibilidade como o seguimento excessivo de regras, o que sugere uma menor sensibilidade às consequências naturais do comportamento.

No estudo conduzido por Wulfert et al. (1994) para avaliar se a manutenção do seguir regras discrepantes das contingências programadas em situações experimentais estava relacionada a diferenças individuais, os participantes foram classificados como flexíveis ou inflexíveis com base em suas respostas à Escala de Rigidez desenvolvida por Rehfisch (1958) e submetidos a diferentes condições experimentais. A Escala de Rigidez foi utilizada por conter itens que permitiriam acessar autorrelatos indicativos de inibição, conservadorismo e tendências à rigidez, ou seja, uma possível tendência a apresentar comportamentos inflexíveis. No primeiro experimento, os participantes foram divididos em 4 grupos de acordo com a classificação na escala (flexível ou inflexível) e o tipo de instrução a que eram expostos na primeira sessão (instrução mínima ou correspondente). Num segundo experimento, os participantes recebiam uma instrução correspondente na primeira sessão e as respostas eram reforçadas em FR8. Na segunda sessão, o esquema era alterado para DRL 4s e um grupo recebia instruções correspondentes a essa alteração e outro grupo recebia instruções discrepantes. De modo geral, Wulfert e colaboradores verificaram que os participantes inflexíveis tenderam a seguir a instrução discrepante, enquanto os participantes flexíveis se mostraram mais sensíveis às alterações nas contingências. Os autores propuseram que o efeito de insensibilidade visto em laboratório poderia ser relacionado a um padrão de

comportamento mais generalizado, isto é, sujeitos cuja pontuação na escala de rigidez sugerem um estilo de resposta mais rígida em ambientes naturais tendem a aderir mais a instruções e a um padrão de resposta em tarefas operantes. Em outras palavras, as diferenças de desempenho observadas entre os participantes inflexíveis e os participantes flexíveis estão relacionadas a diferentes histórias pré-experimentais, que teriam gerado diferentes padrões de comportamento de seguir regras.

Nesta mesma linha de investigação, Pinto et al. (2006) procuraram avaliar se a manutenção do comportamento de seguir regras discrepantes das contingências de reforço programadas em situações experimentais dependeria mais da história experimental do ouvinte ou da sua história pré-experimental, inferida de suas respostas ao questionário sobre inflexibilidade (Rehfish, 1958). Para recrutamento da população, foram realizados convites em sala de aula solicitando voluntários para um estudo em Psicologia. Os interessados em participar da coleta compareciam a uma entrevista individual e respondiam à Escala de Rigidez, desenvolvida por Rehfish (1958) e traduzida para a língua portuguesa (Jonas, 2001). Participaram da coleta um total de 264 estudantes universitários, com idade variando entre 18 e 35 anos. Os escores obtidos por estes participantes foram analisados. De acordo com os critérios estabelecidos, dos 264 participantes que responderam ao questionário, apenas 10 atenderam ao critério de inserção como inflexíveis e outros 10 alcançaram o critério de autorrelatos flexíveis, correspondendo a um total de 7,6% da amostra. Estes vinte participantes foram convidados para participar das atividades experimentais delineadas. Dos vinte participantes convidados, dezesseis universitários foram expostos a um procedimento de escolha segundo o modelo (*matching to sample*) em duas condições experimentais: uma em que o comportamento era estabelecido por reforço diferencial enquanto na outra era estabelecido por controle instrucional. A

Sessão 1 era de linha de base. As contingências na Sessão 2 eram alteradas na Sessão 3, e as contingências na Sessão 3, eram mantidas inalteradas na Sessão 4, mas esta era iniciada com uma regra discrepante das contingências. Na Sessão 2, o comportamento era estabelecido por reforço diferencial na Condição 1 e por instruções na Condição 2. Independentemente da condição experimental, seis dos oito participantes flexíveis deixaram de seguir a regra discrepante na Sessão 4; e sete dos oito participantes inflexíveis mantiveram o comportamento de seguir as regras discrepantes da sessão. Tais resultados apoiaram a proposição de Wulfert e colaboradores, sugerindo que as diferenças individuais geradas por diferentes histórias pré-experimentais são variáveis que podem estar relacionadas à manutenção, ou não, do seguimento de regras discrepantes das contingências. O notório deste estudo é que os participantes se mantêm seguindo a regra discrepante, apesar de terem sido expostos a uma história em que a mudança no responder havia sido reforçada, o que não corroborou com a suposição de estudos similares (Albuquerque & Silva, 2006; Silva & Albuquerque, 2007) de que o comportamento de seguir regras discrepantes tende a deixar de ocorrer quando há uma exposição às contingências anteriormente à regra discrepante. Por outro lado, estes mesmos autores sugerem que a insensibilidade pode ocorrer quando apresentada uma condição de controle instrucional anterior à alteração das contingências, o que parece ter sido verificado também neste estudo de Pinto et al. (2006). A diferença entre tais estudos foi a classificação prévia dos participantes e, dessa forma, Pinto e colaboradores acrescentam à discussão que esta pode ser uma variável relevante para entender o controle por regras, uma vez que os participantes que demonstraram maior insensibilidade após passarem por uma condição de controle instrucional foram justamente aqueles classificados como inflexíveis.

Em estudo posterior, Paracampo, Souza e Albuquerque (2014) também procuraram avaliar o efeito da história pré-experimental sobre o seguimento de regras. Neste estudo 175 estudantes universitários compareceram à entrevista. Destes, 16 participantes (9,1% da amostra) alcançaram os critérios e foram convidados a participar da coleta; oito apresentando indicadores de flexibilidade e oito de inflexibilidade. Os dezesseis estudantes universitários, classificados em flexíveis ou inflexíveis de acordo com a Escala de Rigidez, foram divididos em duas condições experimentais, uma com esquema de reforçamento contínuo e a outra de razão fixa (FR4). Ambas as condições possuíam quatro fases, sendo apresentada uma instrução mínima na Fase 1, instrução discrepante nas fases 2 e 4 e correspondente na Fase 3. Os resultados da Condição 1 (CRF) apontaram que, na Fase 2 (em que ocorria a primeira mudança nas contingências), seis dos oito participantes se mantiveram seguindo a regra discrepante (independente da classificação), enquanto sete seguiram a regra correspondente na Fase 3 e todos abandonaram a regra discrepante em algum momento na Fase 4. Já na Condição 2, com esquema FR4, todos participantes flexíveis abandonaram a regra discrepante nas Fases 2 e 4 enquanto os inflexíveis se mantiveram seguindo a regra. Os autores discutem que a história pré-experimental pode ter influência no seguimento de regras em determinadas situações, visto que os participantes abandonaram ou seguiram a regra na Condição 2 de acordo com a classificação, porém condições atuais podem impedir os efeitos das histórias pré-experimentais, uma vez que todos deixaram de seguir a regra eventualmente, independente da classificação, na Condição 1. Observa-se, ainda, que a quantidade de participantes selecionados a partir da Escala de Rigidez é baixa em relação à amostragem e o método presencial pode ser um fator que dificulta a aplicação e seleção dos participantes.

Dessa forma, nota-se que as pesquisas na área têm apresentado resultados diversos em relação às variáveis que podem afetar a insensibilidade comportamental. No que diz respeito a histórias de controle por regras ou por contingências, os resultados parecem indicar que, apesar da diversidade dos dados (Albuquerque et al., 2003; Cortez & Reis, 2008; Hayes et al., 1986; Shimoff, Catania, & Matthews, 1981), o responder têm se mostrado mais sensível quando as instruções são minimizadas, portanto uma história de controle pelas contingências pode garantir maior sensibilidade comportamental (Cortez e Reis, 2008; Galizio, 1979; Matthews et al., 1977; Perez, Reis, & de Souza, 2010; Torgrud & Holborn, 1990; Zerbinatti et al., submetido). Além disso, o aprendizado por regras correspondentes tem demonstrado levar a uma maior insensibilidade às mudanças nas contingências de reforçamento em relação a um aprendizado por regras discrepantes (Martinez & Ribes, 1996; Martinez & Tamayo, 2005; Zerbinatti et al., submetido).

No entanto, apesar de evidências que demonstrem com maior clareza os efeitos da história experimental na sensibilidade comportamental, ainda existe variabilidade de resultados quanto à influência da história pré-experimental (i.e. flexibilidade ou inflexibilidade) na sensibilidade do responder. Estudos que se utilizaram da Escala de Rigidez Rehfish (1958), apontam que esta é uma variável importante na previsão de comportamentos de seguir regras discrepantes (Pinto et al., 2006; Wulfert et al., 1994), porém, mesmo participantes caracterizados como inflexíveis abandonam a regra discrepante em algum momento (Paracampo et al., 2014).

Dado o presente cenário na área de pesquisa sobre sensibilidade comportamental, em que os estudos que utilizam a aplicação de uma Escala de Rigidez empregam procedimento não informatizado (portanto com a presença do experimentador) ou com diferentes esquemas de reforçamento e tarefas complexas

(Pinto et al., 2006; Paracampo et al., 2014; Wulfert et al., 1994), e aqueles que fazem uso de um procedimento informatizado, mais simples e com maior controle social (Cortez e Reis, 2008; Perez et al., 2010; Zerbinatti et al., submetido), ainda não contam com uma classificação prévia dos participantes, o presente estudo busca aprofundar tais investigações sobre as variáveis que influem no comportamento governado por regras. Para tanto, teve como objetivo avaliar se a história de aprendizagem por regras correspondentes ou discrepantes, bem como a classificação em flexível ou inflexível, poderiam afetar diferencialmente na sensibilidade às contingências.

MÉTODO

Participantes

Recrutamento e Seleção da Amostra

Foram convidados para esta fase da coleta estudantes universitários, residentes na proximidade da instituição onde estaria acontecendo a coleta presencial, e que estivessem interessados em participar de uma pesquisa em Psicologia. O convite foi disponibilizado em grupos de universitários nas redes sociais e por mensagem eletrônica encaminhada para endereços de instituições universitárias próximas ao local de coleta. Os interessados puderam responder ao questionário disponibilizado em plataforma digital ou em versão presencial aplicada em salas de aula. Nesta etapa do estudo participaram 212 estudantes universitários, de ambos os sexos, de diferentes cursos e semestres, e sem história experimental prévia; desta amostra 114 questionários foram respondidos virtualmente e 98 presencialmente.

Para a avaliação dos indicadores de flexibilidade, ou inflexibilidade, foi utilizada a *Escala de Rigidez*, desenvolvida por Rehfisch (1958) e traduzido para a língua

portuguesa (Jonas, 2001). O instrumento consiste basicamente de um questionário que apresenta um total de 39 itens, com respostas do tipo verdadeiro ou falso. Uma cópia deste instrumento pode ser examinada no Anexo 1. Foram arrolados como *flexíveis* os participantes que apresentaram o máximo de 28% de acertos (11 pontos) e como *inflexíveis* os participantes que apresentaram mínimo de 72% de acertos (28 pontos).

Uma ficha adicional solicitava o curso e endereço para contato por endereço eletrônico ou telefone. Uma versão do questionário *online* foi construída e disponibilizada na base *Formulários Google*, sendo também, neste caso, solicitado que fosse informado um possível endereço para contato. Um exemplo de como o instrumento foi apresentado *online* pode ser visto no Anexo 2. Antes de responder o questionário, os participantes deveriam ler e concordar com o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* – TCLE (versão online, Anexo 3) –, sendo devidamente informados e esclarecidos sobre as condições gerais da pesquisa, riscos, anonimato e desistência da participação a qualquer momento. Para atingir maior número de participantes, foi aplicada também a versão presencial do questionário em salas de aulas de diferentes cursos de duas instituições de São Carlos-SP, com a autorização dos professores responsáveis. Nestes casos, os participantes receberam presencialmente o TCLE (Anexo 4) e, após sua assinatura, respondiam a Escala de Rigidez.

Para análise dos dados e seleção dos participantes para a segunda etapa, foram estabelecidos os seguintes critérios, em ambas formas de avaliação: (a) ter assinado (ou selecionado concordo, na versão *online*) o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*; (b) fornecer dados válidos de identificação e contato nas duas formas de aplicação; (c) não ser aluno de graduação em Psicologia; e (d) não ter participado de pesquisa anterior relacionada ao tema. Do total de questionários respondidos, foram

utilizados 199 para análise, uma vez que 13 participantes foram eliminados por não adequarem a algum critério de participação.

Considerando a amostra de questionários válidos, a média de acertos destes participantes foi de 49% (20 pontos), sendo o menor escore obtido de 21% (8 pontos) e o maior de 79% (31 pontos). De acordo com o critério estabelecido para classificação dos participantes, 14 apresentaram máximo de 28% de acertos (média de 26%), sendo classificados como *flexíveis*; 9 apresentaram mínimo de 72% de acertos (média de 74%), sendo classificados como *inflexíveis*. Desta forma, vinte e três participantes atingiram escores de inclusão.

Dos questionários respondidos *online*, 10 apresentaram alguma classificação, correspondendo a 5,0% do total da amostra e 43,5% do total de participantes classificados. Já nos respondidos presencialmente, 13 participantes apresentaram alguma classificação, o que corresponde a 6,5% do total da amostra e 56,5% dos participantes classificados. O número de participantes inflexíveis encontrados na versão *online* (cinco participantes) foi bem próximo ao encontrado naqueles que responderam a versão presencial (quatro participantes). Por outro lado, os que responderam presencialmente apresentaram mais classificações de flexibilidade (9 participantes) em relação aos que responderam virtualmente (cinco participantes).

Participantes nas condições experimentais

Os vinte e três (23) participantes que alcançaram os critérios foram contatados, sendo que 13 aceitaram participar da coleta experimental; nove (9) destes obtiveram escores exigidos para a classificação como *flexíveis* e quatro (04) como *inflexíveis*. A Tabela 1 apresenta o sexo, idade, curso de graduação matriculado, forma de recrutamento, considerando a classificação obtida no inventário de Rehfisch. A idade

variou de 18 a 31 anos, sendo oito participantes do sexo masculino e cinco do feminino; sete (07) participantes foram recrutados na aplicação presencial e seis (06) na condição *online*.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes da condição experimental.

Grupo	Participante	Sexo	Idade	Curso	Recrutamento
Flexíveis	007	F	20	Química	Presencial
	023	M	18	Gestão e Análise Ambiental	Presencial
	039	M	27	Ciências Sociais	Presencial
	072	F	31	Enfermagem	Presencial
	096	F	25	Terapia Ocupacional	Presencial
	156	M	19	Física	<i>Online</i>
	166	M	20	Matemática	<i>Online</i>
	182	M	20	Engenharia Química	<i>Online</i>
	Média (DP)		22,5 (4,6)		
Inflexíveis	027	F	22	Engenharia Elétrica	Presencial
	101	M	21	Engenharia Produção	Presencial
	161	F	27	Matemática	<i>Online</i>
	167	M	20	Química	<i>Online</i>
	184	M	20	Engenharia Química	<i>Online</i>
		Média (DP)		22,0 (2,9)	

Local/Situação/Equipamentos

A coleta de dados aconteceu em laboratório da instituição, em sala individual e com procedimento informatizado. Foi utilizado o *software* MTS 11.6.7 (Dube & Hiris, 1999) para programação, consecução e registro das condições experimentais, instalado num computador Macintosh. Os estímulos utilizados foram 24 fotos coloridas de

pessoas, paisagens, animais ou plantas; dezesseis destas foram empregadas durante as condições de treino experimental e oito na condição de pré-treino.

Dois círculos coloridos (verde e vermelho) eram apresentados alternadamente em todas as condições com a função de estímulos contextuais. Ao final da sessão, o sistema disponibilizava um registro contendo, para cada tentativa: tempo entre tentativas; latências entre a apresentação do modelo e a resposta de observação e entre a apresentação dos estímulos comparações e a resposta de escolha; respostas de escolhas errôneas ao estímulo contextual; os estímulos-modelo, contextual e comparações utilizados; o estímulo comparação correto e a resposta emitida pelo participante. Disponibilizava, ainda, tempo de sessão, porcentagem de acertos por blocos, desempenho no pré-treino e aferição de aquisição da instrução. Além disso, a Escala de Rigidez foi utilizada novamente em versão impressa para todos os participantes.

Procedimento

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, através de sua submissão na Plataforma Brasil (CAAE: 05910212.5.0000.5504).

Os participantes que responderam ao convite *online* do questionário foram convidados via e-mail direcionado para diferentes departamentos das universidades locais e por meio de grupos de universitários nas redes sociais *online*. Ao início do questionário *online*, era fornecido o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) que apresentava as condições gerais da pesquisa e informava que poderiam ser convidados a participar de uma segunda etapa presencial. Após preenchimento dos

dados pessoais e do TCLE, os participantes eram direcionados à página em que deveriam responder a Escala de Rigidez.

Os participantes avaliados presencialmente receberam informações que poderiam ser contatados para participar de uma segunda fase da pesquisa e foram solicitados a fornecerem formas de contatos efetivas neste caso.

Os participantes que alcançaram os critérios estabelecidos foram convidados para uma entrevista individual. Neste encontro, realizado em sala de coleta individual, foram devidamente informados e esclarecidos sobre as condições da pesquisa, concordando com o TCLE (Anexo 5), que garantia o anonimato do participante e o direito de suspender sua participação a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo. Após assinado o termo, era solicitado que o participante respondesse novamente à Escala de Rigidez antes do início da atividade informatizada que, por sua vez, era dividida em duas fases. Em ambas as fases, a experimentadora informava aos participantes que as instruções sobre a atividade seriam disponibilizadas na tela do computador, no transcorrer da atividade, e que a sessão se encerrava sozinha. A experimentadora não ficava presente durante a sessão, retornando à sala somente quando finalizada a tarefa.

As tarefas consistiam de uma atividade de escolha de acordo com o modelo (*matching to sample*). O estímulo modelo, uma foto colorida, aparecia no centro da tela. Ao clicar sobre ela, outras três figuras apareciam simultaneamente. Na parte superior esquerda da tela era apresentado um círculo ora verde, ora vermelho, caracterizando o estímulo instrucional; na parte inferior da tela dois estímulos comparação eram disponibilizados, sendo um igual e outro diferente do modelo. A Figura 1 apresenta uma representação da disposição dos estímulos no monitor, no momento imediatamente anterior à resposta de escolha. Os acertos tinham como

consequência programada o aparecimento de uma tela com estrelas e estímulos sonoros variados. Além disso, um contador, presente na parte central e superior da tela, disponibilizava os pontos acumulados. Ao final do experimento, os pontos obtidos pelos participantes eram contabilizados e trocados por créditos que poderiam ser utilizados na lanchonete da universidade.

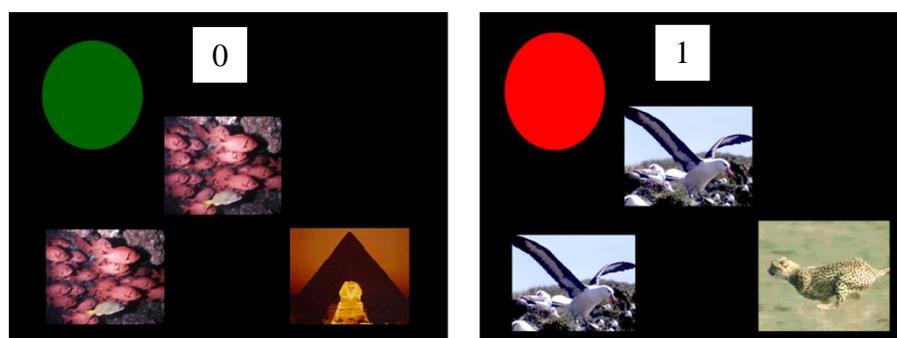


Figura 1 - Exemplos das disposições dos estímulos antecedendo a resposta de escolha de acordo com o modelo a cada tentativa.

Todos os participantes de ambas as classificações (*inflexíveis* e *flexíveis*) foram submetidos a duas diferentes fases experimentais. A Fase 1 possuía duas condições experimentais distintas: uma condição em que as contingências programadas correspondiam às regras apresentadas no início da tarefa (Corr) e outro em que as contingências programadas eram discrepantes das regras apresentadas (Disc). Já a segunda fase era idêntica para todos os participantes. A Tabela 2 sumariza as condições programadas para estas diferentes fases.

Tabela 2 - Esquema das contingências programadas para as Fases 1 e 2.

Fase	Condições	Instruções Iniciais	Número de Tentativas	Correspondência da regra com a contingência em vigor
1	CORR	Completas (descrevem as condições como programadas nas contingências)	Até atingir o critério (60 tentativas obtendo pontos ou máximo de 160 tentativas)	Correspondente
	DISC	Completas	Até atingir o critério (60 tentativas obtendo pontos ou máximo de 160 tentativas)	Discrepante
2	Igual para todos os participantes	Completas no início do 1º e do 3º bloco	80 tentativas divididas em 4 blocos de 20 tentativas cada	Correspondente no 1º e no 3º bloco. Discrepante no 2º e no 4º bloco

Pré-treino

Todas as sessões, de ambas as fases e para todos os grupos, iniciavam-se com um pré-treino, contendo um tutorial e tentativas com o objetivo de introduzir a regra e familiarizar os participantes com a tarefa. A sessão tinha início com a apresentação da seguinte instrução: *“Olhe cuidadosamente para a foto, coloque o cursor sobre ela e clique. Ao fazer isto, aparecerão três outras figuras. Na parte superior esquerda da tela irá aparecer um círculo verde ou vermelho; na parte inferior da tela irão aparecer 2 fotos: uma igual e uma diferente daquela apresentada no centro. Se o círculo for verde, você deverá selecionar a figura igual à do centro; se for vermelho, a figura diferente. Cada vez que você fizer a escolha CORRETA, estrelas e aplausos serão apresentados e um ponto será somado ao contador”*. Após essa instrução, era fornecido, um conjunto de 4 tentativas, sem ganho ou perda de pontos.

Na sequência, um novo tutorial apresentava o texto: *“Escolha a seguir a sentença que completa corretamente a frase apresentada no centro da tela”*. Duas

novas tentativas de pré-treino eram dadas, sendo em uma delas apresentado um círculo verde no centro da tela e, na outra, um círculo vermelho, ambos contendo o texto “*Se este, então...*”. Logo abaixo, estavam duas caixas em cores claras contendo, em cada uma, os textos “*...escolho a figura igual*” ou “*...escolho a figura diferente*”. O participante deveria escolher o texto “figura igual” no caso de aparecer o círculo verde e “figura diferente” no caso do círculo vermelho.

Treino

FASE 1

Os participantes flexíveis e inflexíveis foram divididos entre as duas condições experimentais da Fase 1, considerando a ordem de convite e chegada na condição experimental. Após o tutorial fornecido no pré-treino, dava-se início às tentativas de treino, que foram programadas de acordo com cada condição. Na condição correspondente (Corr) o participante ganhava pontos ao responder de acordo com o que fora exposto na instrução. Na condição discrepante (Disc), o participante ganhava pontos somente ao responder de forma contrária ao que era fornecido na instrução, ou seja, ao clicar na figura igual caso o círculo fosse vermelho e na figura diferente caso o círculo fosse verde. A sessão era encerrada após critério de 60 acertos ou após o total de 160 tentativas em ambas as condições. Após término da Fase 1, o participante era solicitado a chamar a experimentadora.

FASE 2

Como vemos, ainda na Tabela 2, logo após a Fase 1, dava-se início à Fase 2, idêntica para todos os participantes. A sessão iniciava-se com o pré-treino em que era fornecido novamente o tutorial com a descrição completa da regra. Concluído o pré-

treino, foi dado um conjunto de 80 tentativas, dividido em quatro blocos intercalados de 20 tentativas cada. Os Blocos C1 e C2 (primeiro e terceiro blocos) foram programados de tal forma que a contingência fosse correspondente às instruções apresentadas, isto é, o participante ganhava pontos ao clicar sobre a figura igual diante do círculo verde e sobre a figura diferente diante do círculo vermelho. Já nos Blocos D1 e D2 (segundo e quarto blocos) a contingência programada era discrepante das instruções, ou seja, somava-se um ponto somente se o participante clicasse na figura diferente diante do círculo verde e na figura igual diante do círculo vermelho. Durante os blocos discrepantes seguir a regra não produzia perda ou ganho de pontos.

As transições entre os blocos correspondentes para os discrepantes não eram sinalizadas. Dessa forma, logo após as 20 tentativas de C1, iniciavam as tentativas discrepantes do D1, sem nenhuma sinalização ou instrução prévia. Na transição do Bloco D1 para o Bloco C2, a instrução era reapresentada da seguinte forma: *“Você está indo muito bem! Lembre-se que seu objetivo é ganhar o máximo de pontos. A cada 10 pontos você estará ganhando um bônus adicional de R\$ 1,00, ou seja, R\$ 0,10 centavos a cada ponto. Lembre-se que na parte superior esquerda da tela aparece um círculo verde ou um vermelho. Se o círculo for verde, você deve selecionar a figura igual à do centro; se for vermelho, a figura diferente. Vamos continuar?!”*. Seguiam-se, então, as 20 tentativas correspondentes do Bloco C2 e, sem sinalização, as 20 próximas tentativas discrepantes do Bloco D2. A sessão se encerrava automaticamente após a conclusão deste último bloco.

Ao término da Fase 2, os participantes deveriam chamar a experimentadora, que retornava a sala para esclarecimentos finais. Neste momento, os participantes puderam tirar dúvidas e expressar suas impressões e sentimentos acerca de toda a atividade e foram solicitados a assinar um compromisso de sigilo em não divulgar detalhes do

procedimento a terceiros, para garantir condições de validade e fidedignidade dos dados obtidos (ANEXO 6).

RESULTADOS

A Tabela 3 apresenta os escores e respectivas interpretações nas duas aplicações do Escala de Rigidez, para todos os participantes. Podemos observar, ainda, a diferença entre a primeira aplicação (1ª. Apl) e a segunda (2ª. Apl). Análises estatística de correlação de Pearson mostrou uma correlação forte e positiva entre as duas aplicações ($r = 0.93$, $p < 0,000$).

Como vemos na Tabela 3, os participantes P167, P072 e P184 mantiveram a mesma pontuação (26% para o primeiro e 28% para os dois últimos) e, portanto, a mesma classificação (flexíveis). Os participantes P039 (flexível) e P096 (inflexível) mantiveram a classificação, porém com pontuações diferentes, de 23% para 28% no primeiro caso e de 72% para 74% no segundo. Os demais participantes tiveram suas porcentagens de acertos de forma a não alcançarem a exigência mínima para a organização como flexíveis ou inflexíveis. No entanto, nenhum participante apresentou uma diferença de escore superior a vinte pontos, ou obtiveram escores que levassem à uma inversão de inclusão (a saber, flexíveis alcançando escores de inflexíveis ou vice-versa). A atribuição dos participantes por grupo considerou, contudo, a classificação identificada na primeira aplicação.

Tabela 3 - Escores obtidos na primeira e segunda aplicação do Inventário de Rehfisch, com sua interpretação para todos os participantes. As áreas sombreadas destacam diferenças acima de 10 pontos, inferior ou superior.

Participante	Escore 1ª. Apl	Interpretação	Escore 2ª. Apl	Interpretação	Diferença Escores
007	74,00	Inflexível	59,00	Fora critério	- 15
023	72,00	Inflexível	67,00	Fora critério	- 05
027	72,00	Inflexível	64,00	Fora critério	- 08
039	23,00	Flexível	28,00	Flexível	+ 05
072	28,00	Flexível	28,00	Flexível	00
096	72,00	Inflexível	74,00	Inflexível	+ 02
101	28,00	Flexível	41,00	Fora critério	+ 13
156	28,00	Flexível	31,00	Fora critério	+ 03
161	26,00	Flexível	33,00	Fora critério	+ 07
166	28,00	Flexível	46,00	Fora critério	+18
167	26,00	Flexível	26,00	Flexível	00
182	26,00	Flexível	33,00	Fora Critério	+ 07
184	28,00	Flexível	28,00	Flexível	00

FASE 1

Na Figura 2 podemos observar os acertos acumulados durante a Fase 1 para cada participante, de ambos os grupos experimentais. Todos os participantes na condição de treino correspondente (coluna esquerda), de ambos os Grupos, alcançam o critério de aprendizagem entre 60ª ou 62ª Tentativas. A maior parte dos participantes que passaram por instruções correspondentes, de ambas os grupos, não apresentaram erros durante a Fase 1 (P007, P096, P039, P156 e P182), com exceção de P072 e P166 que apresentaram um e dois erros, respectivamente. No treino com instruções discrepante da contingência (coluna direita), quatro dos seis participantes atingem os critérios de aprendizagem entre 62ª e 69ª tentativas (P023, P027, P101 e P161). Dois participantes não conseguem atingir os critérios de aprendizagem (P184 e P167), sendo ambos do Grupo Flexível.

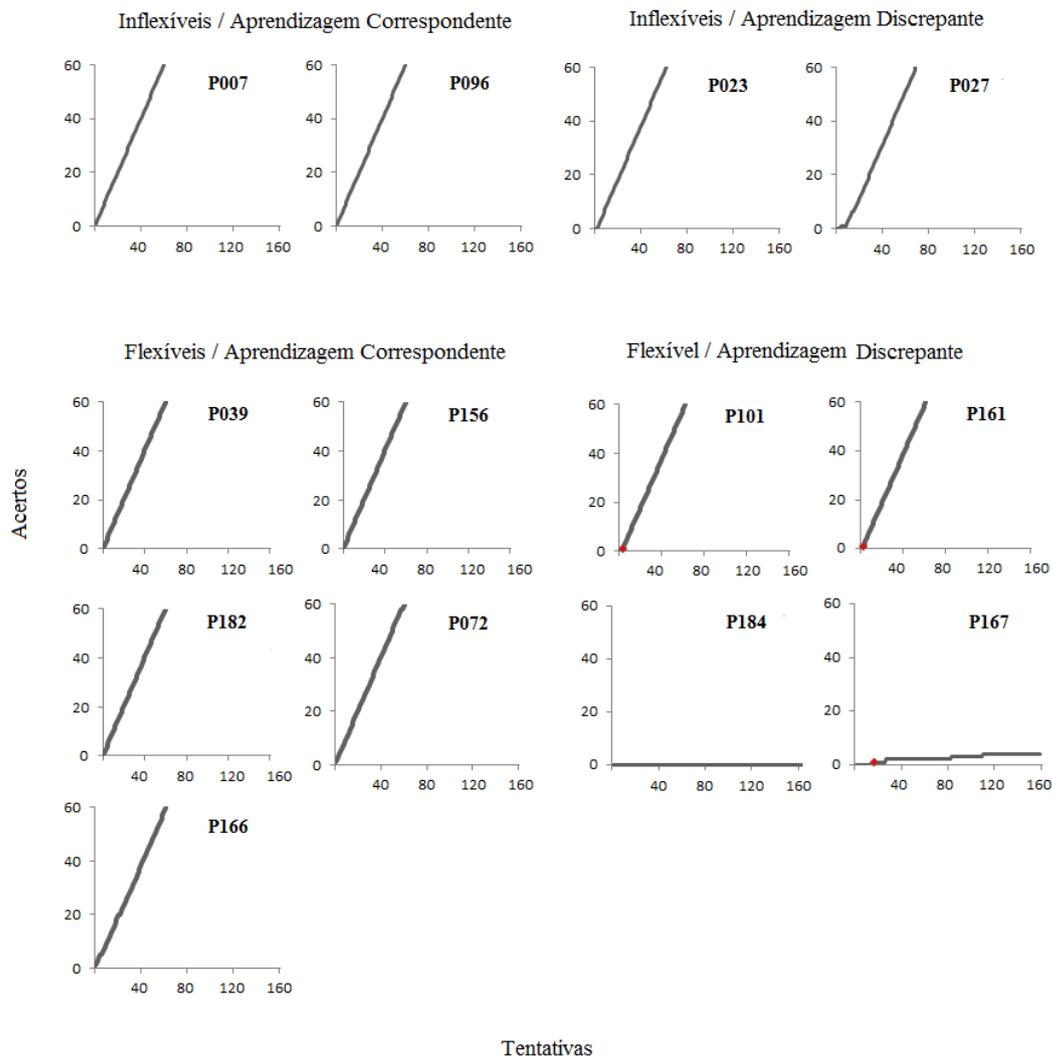


Figura 2 - Respostas acumuladas de acertos durante a Fase 1.

A Figura 3 apresenta a porcentagem de acertos totais para todos os participantes, nas diferentes condições experimentais, durante a Fase 1. Os participantes do Grupo Inflexível apresentaram uma porcentagem de acertos que variou de 87 a 100%. Os participantes do Grupo Flexível que alcançaram os critérios de aprendizagem apresentaram porcentagens de acertos variando de 95 à 100%; dos dois participantes deste grupo que não alcançaram os critérios, um teve uma porcentagem de acertos de

3% (P167), enquanto o segundo (P184) não apresenta uma única resposta correta em todas as 160 tentativas apresentadas.

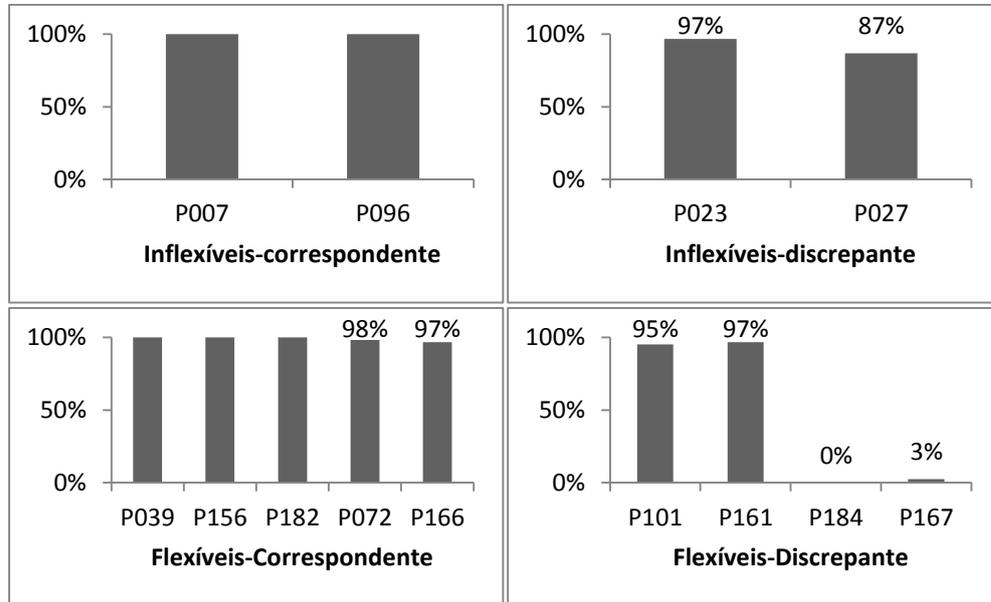


Figura 3 - Porcentagem de acertos durante a Fase 1

A Tabela 4 apresenta a média da latência da resposta de escolha e número de acertos nas cinco e dez primeiras tentativas, de todos os participantes, das diferentes condições. Podemos observar que a média da latência parece ser maior nas condições discrepantes do que naqueles correspondentes das contingências. Além disto, a latência parece ser maior no Grupo Inflexível; no entanto, é difícil comparar considerando o número de participantes nesta condição.

Tabela 4 - Média da latência de resposta de escolha e número de acertos nas cinco e dez primeiras tentativas da Fase 1, para todos os participantes, nas diferentes condições.

Condição	Part	Cinco tentativas		Dez tentativas	
		Latência	Acertos	Latência	Acertos
Flexíveis					
Corr	039	1,8	5	1,6	10
	156	2,0	5	1,7	10
	182	1,5	5	1,7	10
	072	1,7	5	1,5	10
	166	1,6	5	1,5	10
	Média	1,7		1,6	
Disc	101	3,2	2	2,7	07
	161	3,3	3	2,7	08
	184	2,3	0	2,2	00
	167	3,2	0	2,8	00
		Média	3,0		2,6
Inflexíveis					
Corr	007	2,7	5	2,0	10
	096	2,1	5	1,7	10
		Média	2,4		1,9
Disc	023	3,7	3	2,9	08
	027	7,2	1	7,2	02
		Média	5,5		5,1

FASE 2

A Figura 4 representa os resultados obtidos durante a Fase 2, em que blocos correspondentes se alternavam com discrepantes. Observa-se que no primeiro bloco correspondente (C1), os participantes de ambos os grupos inflexíveis apresentaram 100% de acertos enquanto dos grupos flexíveis apresentaram média de 99%, uma vez que P072 e P161 tiveram um erro cada. Já no segundo bloco (D1), em que as contingências eram alteradas sem nenhuma sinalização, foi verificada maior variabilidade entre os grupos.

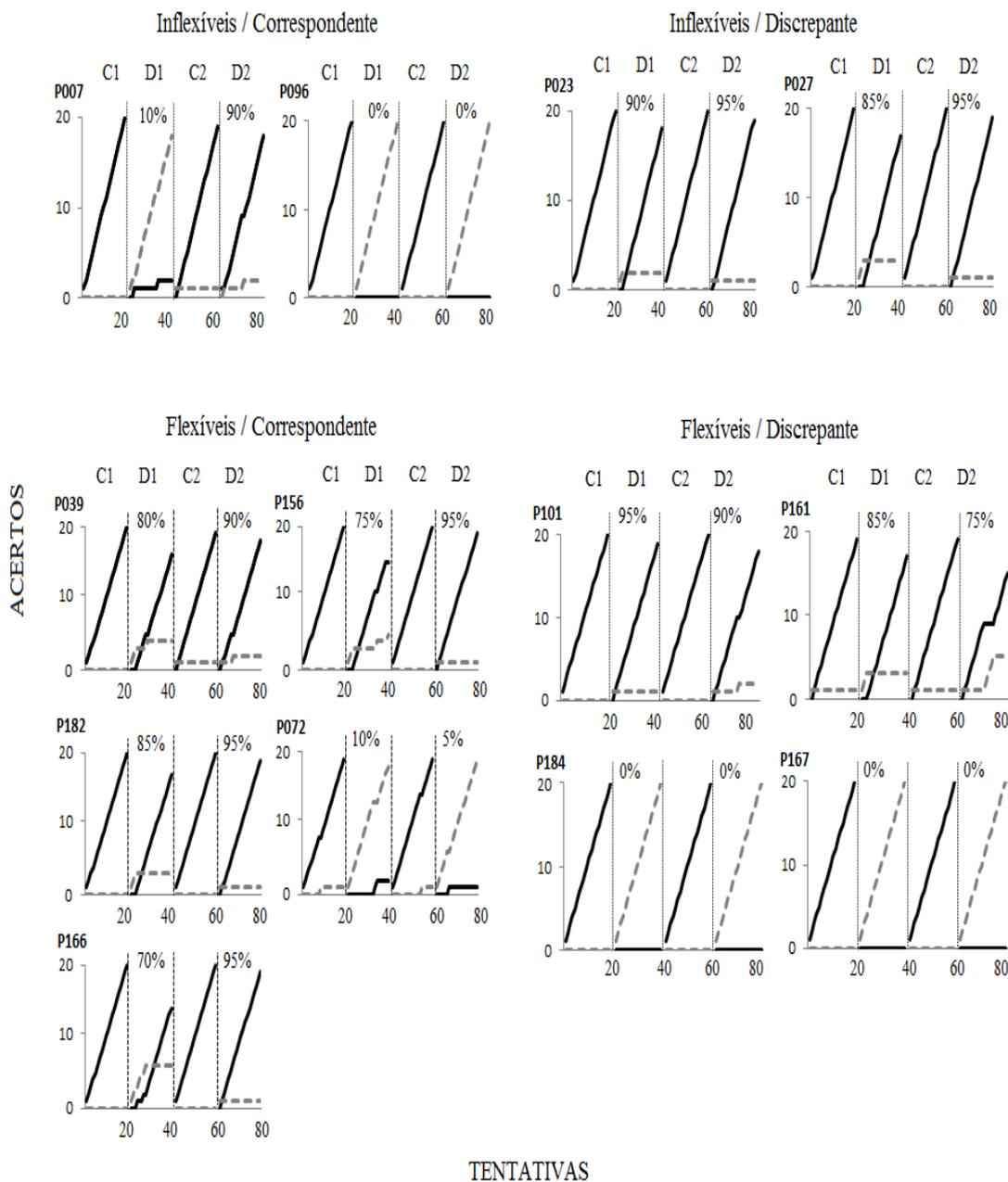


Figure 4 - Frequência acumulada de respostas corretas (linha sólida) e incorretas (linha tracejada) durante a Fase 2, para todos participantes de cada condição experimental. Linhas verticais sinalizam mudança de bloco (correspondente ou discrepante). Nos blocos com tentativas discrepantes (D1 e D2) estão sinalizadas as porcentagens de acertos.

Vemos na Figura 4 que os participantes P007, P096 (inflexível-correspondente), P072 (flexível-correspondente), P184 e P167 (flexível-discrepante)

apresentaram no máximo 10% de acertos durante o primeiro bloco discrepante, sendo que os participantes P096, P184 e P167 não chegaram a abandonar a regra e, portanto, não obtêm pontos durante todo o bloco D1. Todos os demais participantes tiveram desempenho entre 70% a 95% de acertos no bloco D1, sendo o participante P101 (flexível-discrepante) aquele com o melhor desempenho, apresentando apenas um erro na primeira tentativa e rapidamente abandonando a regra nas tentativas posteriores até o final do bloco. A média de acertos do grupo com o melhor desempenho neste bloco foi de 88% (inflexíveis-discrepante) contra a menor média de acertos (5%) para o grupo inflexível-correspondente. As médias dos grupos flexíveis-correspondente e flexíveis-discrepante foram de 64% e 45% de acertos, respectivamente.

Após reapresentação da instrução, todos os participantes voltaram a seguir rapidamente a regra em C2, sendo que apenas quatro participantes (P039, P072, P161 e P007) apresentaram um erro durante o bloco. O único grupo que apresentou desempenho de 100% de acertos em C2 foi o inflexível-discrepante. Em seguida, após nova alteração nas contingências no bloco D2, os participantes P096 (inflexível-correspondente), P184 e P167 (flexível-correspondente), que não haviam abandonado a regra em D1, continuaram seguindo a regra em D2 e, novamente, não entraram em contato com os reforçadores programados durante este bloco. Os demais participantes melhoraram seus desempenhos, uma vez que chegaram a atingir entre 90% e 95% de acertos neste bloco, com exceção de P072 (flexível-correspondente) e P161 (flexível-discrepante) que reduziram a porcentagem de acertos para 5% e 75%, respectivamente. Novamente o grupo com melhor desempenho no bloco discrepante foi o inflexível-discrepante, com média de 95% de acertos, seguido do flexível-correspondente (76% de acertos). Os grupos inflexível-correspondente e flexível-discrepante apresentam as menores médias, com 45% e 41% de acertos, respectivamente.

Na Tabela 5, podemos comparar as médias globais de acertos nos dois blocos discrepantes, para cada condição e cada classificação. Nota-se que a média de acertos nos blocos D1 e D2 dos participantes flexíveis foi de 57%, bem próxima da média dos participantes inflexíveis (58%), independente da condição de aprendizagem. Para os participantes que passaram por aprendizagem correspondente, a média de acertos em ambos os blocos discrepantes foi de 48%, enquanto para os que passaram por aprendizagem discrepante foi de 67%, sendo, portanto, o grupo com o melhor desempenho, independente da classificação.

Tabela 5 - Médias globais de acertos nos dois blocos discrepantes (D1+D2) para cada condição e classificação.

	Correspondente	Discrepante	Média (D1+D2)
Flexível	70%	43%	57%
Inflexível	25%	91%	58%
Média (D1+D2)	48%	67%	

DISCUSSÃO

O presente estudo buscou investigar se a história de aprendizagem por regras correspondentes ou discrepantes, bem como uma possível inflexibilidade aferida a partir de uma escala de rigidez, poderiam afetar diferencialmente na sensibilidade às contingências. Os dados encontrados vão ao encontro de estudos anteriores na área, porém com algumas diferenças.

Pinto et al. (2006) apontaram que a incidência da flexibilidade e da inflexibilidade ficou ao redor de 3,8% na sua amostra. Já no estudo de Paracampo et al (2014), a incidência de cada classificação é de 4,6% da amostra. No presente estudo, foi observada uma incidência ligeiramente maior do que a observada pelos autores: a

flexibilidade foi observada em aproximadamente 6,6% e de inflexibilidade em 4,2% da população examinada. Este resultado pode ser devido a um critério diferente de corte para inclusão nas categorias de flexibilidade e inflexibilidade, uma vez que o estudo anterior usou critério de 25% e 75%, respectivamente.

Quando observamos os resultados referentes às tentativas correspondentes (blocos C1 e C2), para todas os grupos experimentais, vemos que a frequência de acertos se mostra bastante alta. No primeiro bloco da Fase 2 (C1), em que as contingências programadas eram correspondentes às instruções apresentadas, os participantes classificados como inflexíveis tiveram melhor desempenho, seguindo a regra logo na primeira tentativa, independente de terem passado por aprendizagem correspondente ou discrepante na fase anterior. Desempenho semelhante ocorreu com os participantes flexíveis, com apenas uma exceção (P161). Mesmo para aqueles que haviam passado por uma história de reforço por não seguir as instruções (grupos discrepantes), vemos um responder imediatamente controlado pela regra, tão logo é reapresentada antes do segundo bloco (C2). Este resultado replica os resultados encontrados nos estudos anteriores (Cortez et al., 2008; Perez, et al., 2010; Zerbinatti, et al, submetido). Para todos os participantes da condição discrepante, este era o primeiro contato com a correspondência entre regra e instrução, mas, ainda assim, o único participante que não seguiu imediatamente a regra foi P161 (flexível-discrepante), o que, neste caso, pode sugerir que tanto a história prévia quanto a atual podem ter favorecido o abandono da regra no primeiro momento. O outro participante que apresentou um único erro no bloco C1 foi P072 (flexível-correspondente), mas por este erro ocorrer após oito acertos consecutivos e por este participante não ter passado por condição discrepante até aquele momento, não se pode afirmar o que o ocasionou. De modo geral, nota-se que no primeiro bloco correspondente, as regras exercem forte

controle sob o responder, independente da classificação e do tipo de aprendizagem na fase anterior.

Examinando a introdução das contingências discrepantes da regra na sua primeira apresentação (C1 para D1), os participantes do grupo inflexível-correspondente parecem ter apresentado o desempenho com maior perda. Era o primeiro contato com a discrepância para estes participantes e um deles (P096) não chega a obter pontos, ou seja, não entra em contato com o reforço por não seguir as regras, enquanto o outro (P007) apresenta apenas 10% de respostas corretas. O participante P096 foi o único participante inflexível que, além de ter passado pela instrução correspondente durante a aprendizagem, manteve sua classificação nas duas aplicações do teste. Já P007, apesar de não ter mantido a classificação e ter entrado em contato com a contingência de reforço ao longo de D1, se mantém seguindo a regra neste primeiro bloco discrepante. Logo, para estes participantes pode-se inferir que não somente o tipo de história experimental, mas também a história prévia pode ter influenciado o seu desempenho, como sugerido nos estudos anteriores (Wulfert et al., 1994; Pinto et al., 2006; Paracampo et al., 2014).

Seis dos nove participantes flexíveis apresentaram uma porcentagem de respostas igual ou superior a 70% de acertos no primeiro bloco de tentativas discrepantes da Fase 2 (D1). Daqueles que não mudaram o responder considerando as contingências em operação, um tinha treino de correspondência (P072) e apresenta 10% de acerto ao final do bloco. Os dois remanescentes, que não mudaram o responder (P184 e P167), tinham sido submetidos a uma história de discrepância entre as regras e as instruções; o interessante é que, nestes dois casos, não houve a emissão correta, nos dois blocos discrepantes da regra (D1 e D2).

Os dois participantes do Grupo inflexível-discrepante apresentaram uma relativa sensibilidade às contingências, recebendo 85% ou mais dos reforços programados nos dois blocos discrepantes (D1 e D2). Pode ser que a história de exposição à discrepância na primeira fase tenha exercido maior influência sobre a sensibilidade do que a classificação indicativa de inflexibilidade, o que vai ao encontro do estudo de Paracampo et al. (2014) que sugere que condições atuais podem se sobrepor a efeitos de histórias pré-experimentais. Corroborar também com outros trabalhos que apontam para uma maior sensibilidade quando os sujeitos são expostos a uma condição de aprendizagem discrepante anterior às mudanças nas contingências no treino (Martinez & Ribes, 1996; Martinez & Tamayo, 2005; Zerbinatti et al., submetido). No entanto, estes resultados somente poderão ser melhor sistematizados em futuras replicações, nos quais este procedimento possa ser examinado em um número maior de participantes.

De modo geral, os participantes que passaram pelo bloco discrepante apresentaram melhores porcentagens de acertos, com exceção daqueles que não entraram em contato com o reforço por não seguir as regras desde a primeira fase. Logo, nestes casos pode-se inferir que a exposição à uma história de aprendizagem discrepante favorece a sensibilidade somente se os participantes entrarem em contato com essas discrepâncias, assim como apontado anteriormente em outros estudos (Baron & Galizio, 1983; Galizio, 1979), e isto não parece depender exclusivamente da história prévia do participante aferida a partir de uma escala de rigidez.

No último bloco discrepante (D2), vemos que a maioria dos participantes melhorou seu desempenho, ou seja, aprendem que devem abandonar a regra em algum momento, se demonstrando mais sensíveis às contingências, independente da classificação. Porém dois participantes com classificação de flexíveis (P072 e P161)

diminuem suas porcentagens de acertos. No caso de P072, a história de aprendizagem por regra correspondente pode ter exercido maior influência do que sua classificação como flexível, uma vez que teve baixa porcentagem de acertos em ambos os blocos discrepantes. Por outro lado, no caso de P161, vemos que este participante inicia o bloco C1 de forma discrepante, abandona a regra em determinado momento em D1, volta a segui-la em C2 e, finalmente, diminui a quantidade de respostas corretas em D2 em relação à D1. Esse desempenho demonstra que o participante buscou variar suas respostas em todos os blocos, uma vez que aprendia a não confiar nas regras desde o primeiro contato com a atividade na Fase 1. Logo, tanto a história pré-experimental quanto a atual podem ter exercido influência na maior variabilidade de respostas deste participante, independente do bloco em questão. Nota-se, por fim, que os participantes P096 (inflexível-correspondente), P167 e P184 (flexível-discrepante) continuam não entrando em contato com o reforço no último bloco discrepante, corroborando com as hipóteses apresentadas de que, para haver variabilidade é necessário que ocorra também controle pelas contingências experimentais, independente da classificação (Paracampo et al., 2014).

Em suma, os resultados do presente trabalho parecem indicar que, nas condições programadas, em que são manipuladas histórias de aprendizagem por regras correspondentes ou discrepantes, com procedimento informatizado (i.e. sem a presença do experimentador) e em esquema de reforço contínuo, a sensibilidade a alterações nas contingências parece ter sido, de modo geral, favorecida mais por tais condições experimentais e independente da classificação dos participantes, como sugerido no estudo de Paracampo et al (2014). A classificação dos participantes parece ter afetado diferencialmente os desempenhos somente quando estes passavam por uma aprendizagem por regras correspondentes, isto é, se mostrando mais insensíveis

quando classificados em inflexíveis e mais sensíveis quando classificados como flexíveis, assim como apontado em trabalhos anteriores que utilizaram a escala de rigidez (Wulfert et al., 1994; Pinto et al., 2006). Porém, nos casos em que ocorria um contato inicial com a discrepância, a história prévia inferida a partir do questionário pouco influenciou o desempenho dos participantes e, dessa forma, mesmo aqueles classificados como inflexíveis abandonaram a regra em algum momento. Além disso, alguns dados sugerem que um contato mínimo com o reforço por não seguir as regras seria fundamental para promover a sensibilidade, independente da classificação, uma vez que alguns participantes, mesmo classificados como flexíveis, não abandonam a regra por não terem entrado em contato com os reforçadores programados nos blocos discrepantes. Esta análise pode ser verificada quando comparadas as médias globais nos blocos discrepantes (D1+D2) isoladamente, que parecem indicar que o grupo que passa por aprendizagem discrepante apresenta melhor desempenho em ambos os blocos enquanto não parece haver diferença significativa entre as médias dos participantes flexíveis e inflexíveis. Tais dados corroboram com estudos prévios de que uma história de controle por contingências discrepantes pode favorecer a sensibilidade comportamental (Baron & Galizio, 1983; Cortez e Reis, 2008; Galizio, 1979; Martinez & Ribes, 1996; Martinez & Tamayo, 2005; Perez, Reis, de Souza, 2010; Zerbinatti et al., submetido).

Em relação aos trabalhos anteriores, o presente estudo apresenta suas qualidades e limitações. Um dado interessante se refere à Escala de Rigidez, uma vez que outros trabalhos buscaram aplicar a escala apenas presencialmente, enquanto o presente buscou realizar também via plataforma online. Os resultados apontam que a versão presencial foi ligeiramente mais eficaz em selecionar o perfil de participantes neste estudo, entretanto a versão online apresenta suas vantagens como a de atingir

maior número de participantes em um curto período e garantir precisão das respostas (por exemplo, evitando que o participante entregue o questionário sem assinalar alguns itens ou assinale mais de uma resposta) e precisão na avaliação (método informatizado para contagem de pontos). Portanto, visto que a diferença entre os resultados de ambos os modelos não foi expressiva, a versão online pode ser também uma forma eficaz de aplicar o questionário, caso ele venha a ser utilizado em pesquisas futuras na área.

Além disso, a escala foi aplicada novamente como comparativo antes da aplicação do procedimento informatizado e verificou-se que apenas cinco, dos 13 participantes selecionados para a segunda etapa, mantiveram a classificação. E destes que mantiveram, três flexíveis (P072, P167 e P184) não apresentaram desempenho esperado conforme sua classificação, pois se mostraram insensíveis às contingências ao longo de todas as tentativas discrepantes. Portanto, neste estudo, a utilização da escala não parece ter sido um método eficaz para avaliar a sensibilidade dos participantes, uma vez que as classificações nem sempre se mantiveram de uma aplicação a outra e, quando mantiveram, não foram fortes o suficiente para impedir os efeitos de histórias atuais.

Por fim, este estudo contou com um número limitado de participantes na etapa experimental, principalmente no que concerne àqueles classificados como inflexíveis, o que dificultou uma comparação mais precisa entre os diferentes grupos. Essa dificuldade pode se dar a hipótese de que os sujeitos raramente são, de fato, insensíveis, o que torna difícil avaliar com precisão um padrão generalizado de rigidez a partir de uma escala e que pudesse se estender para o laboratório, uma vez que, em geral, são as contingências que controlam o comportamento, mesmo que não sejam aquelas programadas pelo experimentador em laboratório, como discutem outros autores (Albuquerque et al, 2013; Wulfert et al., 1994). Ainda assim, alguns padrões de

inflexibilidade (i.e. seguimento excessivo de regras) parecem ser encontrados em sujeitos que sofrem, por exemplo, com transtornos obsessivo-compulsivo ou de ansiedade (Pinto et al, 2006) e, portanto, seria necessária uma investigação que avaliasse, com um número mais expressivo de participantes, outras possíveis combinações de variáveis que relacionem com esses padrões, tanto para a obtenção de resultados mais conclusivos em pesquisa básica, como também para possíveis intervenções clínicas com tal população.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, L.C., & Silva, F.M. (2006). Efeitos da exposição a mudanças nas contingências sobre o seguir regras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 101-112.
- Albuquerque, L.C., de Souza, D.G., Matos, M.A., & Paracampo, C.C.P. (2003). Análise dos efeitos de histórias experimentais sobre o seguimento subsequente de regras. *Acta Comportamentalia*, 11, 87-126.
- Albuquerque, L.C., Paracampo, C.C.P., Matsua, G.L., & Mescouto, W.A. (2013). Variáveis combinadas, comportamento governado por regras e comportamento modelado por contingências. *Acta Comportamentalia*, 21(3), 285-304.
- Albuquerque, L.C., Silva, L.S., & Paracampo, C.C.P. (2014). Análise de variáveis que podem interferir no comportamento de seguir regras discrepantes. *Acta Comportamentalia*, 22, 51-71.
- Ayllon, T. & Azrin, N. H. (1964). Reinforcement and instructions with mental patients. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 7(4), 327-331.
- Baron, A., & Galizio, M. (1983). Instructional control of human operant behavior. *The Psychological Record*, 33, 495-520.
- Baron, A., Kaufman, A., & Stauber, K. A. (1969). Effects of instructions and reinforcement-feedback on human operant behavior maintained by fixed-interval reinforcement. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 12(5), 701-712.
- Catania, A. C., Shimoff, E., & Matthews, A. (1989). An experimental analysis of rule-governed behavior. In S. C. Hayes (Ed.), *Rule-governed behavior: Cognition, contingencies, and instructional control* (pp.119-150). New York: Plenum
- Cerutti, D. T. (1989). Discrimination theory of rule-governed behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51, 259-276.

- Cortez, M.C.D., & Reis, M.J.D. (2008). Efeitos do controle por regras ou pelas contingências na sensibilidade comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10, 143-155.
- Dube, W. V., & Hiris, J. (1999). Match to Sample Program (Version 11.6.7) [computer software]. Waltham, MA: E. K. Shriver Center of Mental Retardation.
- Galizio, M. (1979). Contingency-shaped and rule-governed behavior: instructional control of human loss avoidance. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 31(1), 53-70
- Hamilton, M. L. (1969). Reward and punishment in child discrimination learning. *Developmental Psychology*, 1 (6), 735-738.
- Hayes, S. C., Brownstein, A. J., Zettle, R. D., Rosenfarb, I., & Korn, Z. (1986). Rule-governed behavior and sensitivity to changing consequences of responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45(3), 237-256
- Jonas, A. (2001). Efeitos de instruções sobre o desempenho em matching to sample e sua relação com padrões de sensibilidade comportamental a contingências. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP
- Joyce, J.H., & Chase, P.N. (1990). Effects of response variability on the sensitivity of rule-governed behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 54, 251-262.
- Madden, G. J., Chase, P. N., & Joyce, J. H. (1998). Making sense of sensitivity in the human operant literature. *The Behavior Analyst*, 21(1), 1-12.
- Martinez, H., & Tamayo, R. (2005). Interactions of contingencies, instructional accuracy, and instructional history in conditional discrimination. *The Psychological Record*, 55, 633-646.

- Martinez-Sanchez, H., & Ribes-Iñesta, E. (1996). Interactions of contingencies and instructional history in conditional discrimination. *The Psychological Record*, 46, 301-316.
- Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(2), 51-66.
- Matthews, B. A., Shimoff, E., Catania, A. C., & Sagvolden, T. (1977). Uninstructed human responding: Sensitivity to ratio and interval contingencies. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 27 (3), 453-467.
- Newman, B., Buffington, D.M., & Hermmes, N.S. (1995). The effects of schedules of reinforcement on instruction following. *The Psychological Record*, 45, 463-476.
- Oliveira, V. L., & Albuquerque, L. C (2007). Efeitos de histórias experimentais e de esquemas de reforço sobre o seguir regras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (2), 217-228.
- Paracampo, C.C.P., & Albuquerque, L.C. (2005). Comportamento controlado por regras: Revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*, 9, 227-237.
- Paracampo, C.C.P., Souza, L.M., & Albuquerque, L.C. (2014). Variáveis que podem interferir no seguir regras de participantes flexíveis e inflexíveis. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 27 (1), 124-133.
- Perez, W. F., Reis, M. J. D., & de Souza, D. G. (2010). Efeitos de história experimental com diferentes instruções e do controle por contingências sobre o seguimento de instruções. *Acta Comportamental*, 18(1), 55-85.
- Pinto, A. R., Paracampo, C. C. P., & Albuquerque, L. C. (2006). Análise do controle por regras em participantes classificados de flexíveis e de inflexíveis. *Acta Comportamental*, 14, 171-194;

- Rehfishch, J. M. (1958). A Scale for Personality Rigidity. *Journal of Consulting Psychology*, 1, 11-15.
- Shimoff, E., Catania, A.C., & Matthews, B.A. (1981). Uninstructed human responding: Sensitivity of low-rate performance to schedules contingencies. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 36 (2), 207-220.
- Shimoff, E., Matthews, B. A., & Catania, C. A. (1986). Human operant performance: sensitivity and pseudosensitivity to contingencies. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 46 (2), 149-157.
- Silva, L. S. & Albuquerque, L. C. (2007). Efeitos de histórias comportamentais sobre o comportamento de seguir regras discrepantes das contingências. *Interação em Psicologia*, 11 (1), 11-25.
- Skinner, B. F. (1966). An operant analysis of problem solving. In B. Keinmuntz (Ed.), *Problem solving: Research, method, and theory*. NY: Wiley and Sons.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Applenton-Century-Crofts.
- Torgrud, L.J., & Holborn, S.W. (1990). The effects of verbal performance descriptions on nonverbal operant responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 54, 273-291.
- Wulfert, E., Greenway, D. E., Farkas, P., Hayes, E. C., & Dougher, M. J. (1994). Correlation between selfreported rigidity and rule-governed insensitivity to operant contingencies. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27, 659-671.
- Zerbinatti, A. L. F., Bondioli, R. M., & Reis, M. J. D. (submetido). Controle por regras e pelas contingências: efeito da história experimental na sensibilidade às contingências.

ANEXO 1 - Escala Rehfisch

Escreva V para verdadeiro ou F para falso nos parênteses ao lado das sentenças abaixo. Utilize apenas uma das opções (V ou F) para cada sentença. Você deve responder todas as sentenças. Não rasure suas respostas.¹

1- Eu não costumo falar muito, a menos que eu esteja com pessoas que eu conheça bem.	(_ F _)
2- Eu gostaria de trabalhar como correspondente internacional para um jornal.	(_ F _)
3- Nunca fico especialmente nervoso quando membros da minha família se envolvem em problemas	(_ V _)
4- Críticas ou reprimendas me deixam muito embaraçado.	(_ V _)
5- Eu me mantenho longe de problemas a qualquer custo.	(_ V _)
6- Eu levo muito tempo para tomar uma decisão.	(_ V _)
7- Eu não gosto de coisas que sejam incertas ou imprevisíveis.	(_ V _)
8- Eu sou contra dar dinheiro a mendigos.	(_ V _)
9- Eu sempre sigo a regra: negócios antes do prazer.	(_ V _)
10- É difícil para mim iniciar uma conversa com estranhos.	(_ F _)
11- Eu não tenho medo de aranhas.	(_ V _)
12- Eu não gosto de ver mulheres fumando.	(_ V _)
13- Eu considero que um modo de vida bem organizado, com horários regulares é o ideal para meu temperamento	(_ V _)
14- Eu fico decepcionado comigo mesmo quando não consigo entender algum problema da minha área de trabalho, ou quando pareço não estar tendo progresso na solução de um problema.	(_ V _)
15- Eu certamente tenho falta de autoconfiança.	(_ V _)
16- Eu às vezes sinto que posso mudar minha opinião com muita facilidade.	(_ F _)
17- Eu não gosto de me envolver em nenhum projeto a menos que tenha uma boa ideia de como ele vai terminar.	(_ V _)
18- Eu acho difícil por de lado uma tarefa que comeci, nem que seja por pouco tempo.	(_ V _)
19- Em festas, eu normalmente participo ativamente dos entretenimentos.	(_ F _)
20- Quando eu trabalho em grupo, gosto de assumir a responsabilidade das coisas.	(_ F _)
21- Uma pessoa forte não demonstra emoções e sentimentos.	(_ V _)
22- Eu não ficaria nervoso se alguém da minha família tivesse problema com a justiça.	(_ F _)
23- A maioria das pessoas não gosta de se colocar de lado para ajudar os outros.	(_ V _)
24- Eu certamente gostaria de vencer um “espertalhão” no próprio jogo.	(_ F _)
25- Me aborrece quando algo inesperado interrompe minha rotina diária.	(_ V _)
26- Eu fico desconfortável com pessoas que não conheço bem.	(_ V _)
27- Eu me sentiria desconfortável vestindo qualquer outra coisa que não uma roupa convencional.	(_ V _)
28- Eu sou melhor falante do que ouvinte.	(_ F _)
29- Eu normalmente me sinto mal e nervoso em bailes ou festas.	(_ V _)
30- Eu gostaria de ser um ator de teatro ou cinema.	(_ F _)
31- Eu devo admitir que seria difícil ter como amigo íntimo uma pessoa cujas maneiras ou aparência o fizessem repulsivo, não importando o quão gentil ou inteligente ele pudesse ser.	(_ V _)
32- Eu tento lembrar de boas histórias para contá-las para os outros.	(_ F _)
33- Eu me sinto nervoso se tenho de encontrar muitas pessoas.	(_ V _)
34- Eu devo admitir que tento ver o que os outros pensam antes de fazer uma escolha.	(_ V _)
35- Eu gosto de falar diante de grupos de pessoas.	(_ F _)
36- Eu devo admitir que fico zangado quando outras pessoas interferem em minhas atividades diárias.	(_ V _)
37- Muitas das garotas que eu conheci na faculdade saíam com rapazes somente pelo que elas podiam tirar deles.	(_ V _)
38- É difícil para mim, agir naturalmente em meio a pessoas recém-conhecidas.	(_ V _)
39- Eu fico muito tenso e ansioso quando penso que os outros estão me desaprovando.	(_ V _)

¹ No questionário que será entregue aos participantes, a coluna da direita será apresentada em branco. As respostas assinaladas são as consideradas corretas de acordo com Rehfisch (1958).

ANEXO 2 - Modelo da Escala de Rehfisch aplicada online

Questionário

Página 1/4

Assinale VERDADEIRO ou FALSO para cada uma das sentenças abaixo *

Não existem respostas certas ou erradas. Você deve responder a todas as sentenças de acordo com a sua experiência

	VERDADEIRO	FALSO
1- Eu não costumo falar muito, a menos que eu esteja com pessoas que eu conheça bem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2- Eu gostaria de trabalhar como correspondente internacional para um jornal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3- Nunca fico especialmente nervoso quando membros da minha família se envolvem em problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4- Críticas ou reprimendas me deixam muito embaraçado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5- Eu me mantenho longe de problemas a qualquer custo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6- Eu levo muito tempo para tomar uma decisão.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7- Eu não gosto de coisas que sejam incertas ou imprevisíveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8- Eu sou contra dar dinheiro a mendigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9- Eu sempre sigo a regra: negócios antes do prazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10- É difícil para mim iniciar uma conversa com estranhos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

« Voltar

Continuar »



50% concluído

ANEXO 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Versão Online)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “*Efeito da história pré-experimental na sensibilidade às contingências em participantes flexíveis e inflexíveis*”, conduzido pela pesquisadora Ana Lídia Fonseca Zerbinatti - CRP: 115274-6. E-mail: analee.fz@gmail.com. Tel.: (16) 99606-2621.

O estudo tem como objetivo investigar processos de aprendizagem envolvendo tarefas e instruções. Para tanto, nesta primeira etapa, a sua participação consistirá em responder a um questionário sobre seus comportamentos e atitudes em diversas situações do cotidiano.

Após esta primeira etapa, você poderá ser convidado a participar da segunda fase do projeto, sendo esta também voluntária e passível de desistência a qualquer momento sem acarretar nenhum ônus.

Por se tratar de pesquisa que envolve aplicação de teste de personalidade, pode-se gerar certa ansiedade. No entanto, você poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem que ocorram prejuízos pessoais.

Todas as informações coletadas, resultados individuais e a identidade dos participantes não serão divulgados, tornando-se confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional (Art. 9º Código de Ética Profissional do Psicólogo).

Você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa em qualquer momento com o pesquisador responsável. Sua participação não é obrigatória, podendo retirar-se do estudo ou não permitir a utilização dos dados em qualquer momento da pesquisa. Sendo um participante voluntário, você não terá nenhum pagamento e/ou despesa referente à sua participação no estudo.

A pesquisa obedece os critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução CNS nº. 466 de 12 de dezembro de 2012.

Caso o participante da pesquisa queira apresentar reclamações em relação a sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, pelo endereço Rod. Washington Luis, Km 235, Cx Postal 676, Monjolinho, São Carlos - SP. 13565-905. Tel.: (16) 3351-8109 / (16) 3351-8110. Fax: (16) 3361-3176. E-mail: propg@power.ufscar.br

Declaro que tenho 18 anos ou mais e como voluntário(a) da pesquisa afirmo que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a finalidade e objetivos desta pesquisa, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos. Meu nome não será divulgado de forma nenhuma e terei a opção de retirar meu consentimento a qualquer momento.

- Sim, aceito participar da pesquisa
- Não, não aceito participar da pesquisa

ANEXO 4 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Presencial – Etapa 1)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar voluntariamente de um estudo conduzido pela pesquisadora Ana Lúcia Fonseca Zerbinatti, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

O estudo tem como objetivo investigar processos de aprendizagem envolvendo tarefas e instruções. Para tanto, nesta primeira etapa, a sua participação consistirá em responder a um questionário sobre seus comportamentos e atitudes em diversas situações do cotidiano.

Após esta primeira etapa, você poderá ser convidado a participar da segunda fase do projeto, sendo esta também voluntária e passível de desistência a qualquer momento sem acarretar nenhum ônus.

Por se tratar de pesquisa que envolve um questionário aplicado em grupo, pode-se gerar certa ansiedade; entretanto, você poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem que ocorram prejuízos pessoais.

Todas as informações coletadas, resultados individuais e a identidade dos participantes não serão divulgados, tornando-se confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional (Art. 9º Código de Ética Profissional do Psicólogo).

Você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa em qualquer momento com o pesquisador responsável. Sua participação não é obrigatória, podendo retirar-se do estudo ou não permitir a utilização dos dados em qualquer momento da pesquisa. Sendo um participante voluntário, você não terá nenhuma despesa e/ou pagamento referente à sua participação no estudo.

A pesquisa obedece os critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução CNS nº. 466 de 12 de dezembro de 2012.

Caso o participante da pesquisa queira apresentar reclamações em relação a sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, pelo endereço Rod. Washington Luis, Km 235, Cx Postal 676, Monjolinho, São Carlos - SP. 13565-905. Tel.: (16) 3351-8109 / (16) 3351-8110. Fax: (16) 3361-3176. E-mail: propg@power.ufscar.br

Declaro que tenho 18 anos ou mais e como voluntário(a) da pesquisa afirmo que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a finalidade e objetivos desta pesquisa, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos. Meu nome não será divulgado de forma nenhuma e terei a opção de retirar meu consentimento a qualquer momento.

- Sim, aceito participar da pesquisa
- Não, não aceito participar da pesquisa

São Carlos, _____ de _____ de 2015

Assinatura do participante
Nome:
RG:

Ana Lúcia Fonseca Zerbinatti
Pesquisadora responsável
E-mail: analee.fz@gmail.com
Tel.: (16) 99606-2621

ANEXO 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Presencial – Etapa 2)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Você está sendo convidado a participar **voluntariamente** da pesquisa “*Efeito da história pré-experimental na sensibilidade às contingências em participantes flexíveis e inflexíveis*”, a ser conduzida por Ana Lídia Fonseca Zerbinatti, inscrita no Conselho Regional de Psicologia, nº 115274-6 e sob orientação de Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis. O estudo pretende investigar processos de aprendizagem envolvendo tarefas e instruções. Para tanto, uma atividade individual será programada no computador, com instruções que serão fornecidas a cada passo. Para a conclusão da tarefa será necessário um encontro com duração prevista de até 1 hora a ser realizado no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (São Carlos, SP). Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá responder a todas as suas dúvidas antes que você decida participar.

As atividades programadas no computador têm o objetivo de avaliar processos básicos de aprendizagem, sem visar medir condições de inteligência, emoções ou aspectos sigilosos da sua vida. A investigação pretende examinar como alguns processos estão na base de aprendizagens, trazendo um melhor entendimento sobre a relação entre tarefas e suas respectivas instruções. Por se tratar de pesquisa que envolve atividade informatizada, pode-se gerar certa ansiedade; entretanto, você poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem que ocorram prejuízos pessoais. Se o participante vier a sofrer qualquer dano durante a pesquisa, terá o direito a indenização por parte da pesquisadora e da instituição.

Somente terão acesso aos instrumentos e resultados a pesquisadora e o seu orientador. Todas as informações obtidas serão mantidas em sigilo. Não haverá custos financeiros ou materiais por participar da pesquisa. Uma cópia deste documento ficará com você e outra com a pesquisadora responsável. Ao final da coleta, os participantes serão convidados, por meio previamente negociado, à apresentação pública e aberta a todos, dos resultados gerais garantindo; resultados individuais e a identidade dos participantes não serão divulgadas e todas as informações prestadas tornar-se-ão confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional (Art. 9º Código de Ética Profissional do Psicólogo).

Dúvidas, reclamações ou denúncias sobre o projeto poderão ser endereçadas diretamente à pesquisadora (Ana Lídia Fonseca Zerbinatti), à orientadora (Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis) ou aos Comitês de Ética institucionais, nos contatos apresentados abaixo.

Por fim, como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a cumprir todas as exigências contidas no item IV.3 e IV.4 da resolução do CNS/MS n. 466 de dezembro de 2012, publicada em 13 de junho de 2013.

Desta forma, ciente e de acordo com o que me foi exposto acima pelo pesquisador, EU, _____, RG _____

_____ declaro, assinando em duas vias e ficando com uma delas, que:

- 1) Estou informado(a) e esclarecido(a) acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa;
- 2) Estou ciente que minha identidade será mantida em sigilo, sendo qualquer material envolvido de acesso restrito aos pesquisadores; este sigilo deve ser mantido mesmo em eventuais divulgações para fins científicos (ex. apresentações em congressos, publicações, entre outros)
- 3) Entendo que poderei desistir de minha participação a qualquer momento, sem nenhum ônus;

Agradecemos sua participação e nos colocamos a disposição para esclarecimentos.

Data ___/___/___

Assinatura do(a) Participante

Ana Lídia Fonseca Zerbinatti
Pesquisadora Responsável

CONTATO PARA INFORMAÇÕES E DENÚNCIAS

Responsável pela pesquisa Ana Lídia Fonseca Zerbinatti Departamento de Psicologia - CECH - UFSCar Endereço: Av. Leão XIII, 3900 - Ribeirão Preto, SP. CEP 14096-190 Tel. (16) 3236-2568 / (16) 99606-2621 E-mail: analee.fz@gmail.com	Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos Rod. Washington Luis, Km 235, Cx Postal 676, Monjolinho, São Carlos - SP. 13565-905 Tel.: (16) 3351-8109 / (16) 3351-8110 Fax: (16) 3361-3176 E-mail: propp@power.ufscar.br
--	--

ANEXO 6 - Esclarecimento final e compromisso de sigilo

ESCLARECIMENTO FINAL E COMPROMISSO DE SIGILO

Prezado(a) Senhor(a):

Informo a todos os interessados que, ao final da pesquisa, participei de uma entrevista na qual:

- 1) Fui amplamente informado(a) e esclarecido(a) acerca dos objetivos e procedimento da pesquisa;
- 2) Tive minhas dúvidas esclarecidas sobre o procedimento;
- 3) Pude expressar minhas impressões e sentimentos sobre a mesma;
- 4) Fui informado(a) que seria convidado(a) para participar voluntariamente da divulgação futura e geral da pesquisa, sem acesso, contudo, a resultados individuais (somente de grupo);
- 5) Fui solicitado(a) a não divulgar detalhes do procedimento a terceiros, para garantir condições de validade e fidedignidade dos dados obtidos na coleta.

Duas cópias deste documento estão sendo assinadas, ficando uma cópia sob meus cuidados e uma segunda com os pesquisadores.

Desta forma, ciente e afirmando ser verdadeiro o exposto acima, EU,
_____, RG _____

assino em duas vias:

Data: ____/____/____

Ana Lídia Fonseca Zerbinatti
(Pesquisadora Responsável)

Assinatura do (a) participante

Dúvidas, reclamações ou denúncias sobre o projeto poderão ser endereçadas diretamente à pesquisadora e à orientadora ou aos Comitês de Ética institucionais, nos contatos apresentados abaixo.

CONTATO PARA INFORMAÇÕES E DENÚNCIAS	
Responsáveis pela pesquisa Ana Lídia Fonseca Zerbinatti Profa. Dra. Maria de Jesus Dutra dos Reis Departamento de Psicologia - CECH UFSCar (016) 3351-8457 / (16) 99606-2621 analee.fz@gmail.com jesus-reis@uol.com.br	Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFSCar Via Washington Luís, Km 235, Cx Postal 676, Monjolinho, São Carlos, SP 13565-905 Fone: (016) 3351-8110 FAX: (016)3361-3176 E-mail: cephumanos@power.ufscar.br